

(DES)MEMÓRIA DE DESASTRE? UMA QUESTÃO EM ABERTO DO PROJETO DMDM À COLEÇÃO *LIFE, MEMORY & CULTURE*

Ana Salgueiro

UCP- CECC/ UMa-CIERL

Memory is life [...]. It remains in permanent evolution, open to a dialectic of remembering and forgetting, unconscious of its successive deformations, vulnerable to manipulation and appropriation, susceptible to being long dormant and periodically revised
Pierre Nora (1989) *Between memory and history: les lieux de mémoire*

Adotando um posicionamento tangencial ao que Pierre Nora propõe na citação que aqui tomamos por epígrafe, Aleida Assmann nota, com a clarividência que tem conferido aos seus textos um carácter seminal na área dos Estudos de Memória: “when thinking about memory, we must start with forgetting [...]. In order to remember some things, other things must be forgotten” (Assmann, 2010: 97). Reportando-se, nesta passagem, à memória individual dos sujeitos e aos constrangimentos neurobiológicos, psicológicos, mas também socioeconómicos e político-culturais que determinam a construção mnemónica (sempre seletiva e pautada por uma dinâmica que articula recordação e esquecimento), Aleida Assmann sustentará depois que, embora o termo memória cultural deva ser entendido como uma metáfora, nem por isso ele perde validade científica. Se, por um lado, a memória individual é fortemente condicionada por fatores socioeconómicos e político-culturais, sendo, também por isso, fundamental para a definição identitária dos sujeitos e para a gestão individual das suas rotinas quotidianas, por outro, também as comunidades ancoram a construção da sua tessitura sociocultural, político-identitária e histórica em idênticos processos seletivos e numa semelhante tensão/negociação entre lembrar e esquecer, (re)inscrição e rasura.

Ora, se é certo que lembrar e esquecer fazem parte da *normalidade individual* e social de sujeitos e comunidades e se esses mecanismos se apresentam como dinâmicas estruturantes das relações que os sujeitos mantêm com o seu passado individual e com o passado partilhado com outros sujeitos dos seus grupos de pertença identitária (não sendo aqui de excluir a relação que esses sujeitos e essas comunidades mantêm com o meio natural), então, quando se procura compreender a tessitura cultural, social, política, económica dessas comunidades, os fenómenos que marcam e constroem a sua história, os valores, normas, instituições, práticas sociais e crenças que as constituem, ou até os índices de vulnerabilidade e resiliência que manifestam perante o risco de desastre, será particularmente relevante quer o estudo *do que é lembrado e do que é esquecido*, quer o estudo *do como, quando, por quem e porquê* dessa recordação ou desse apagamento mnemónico. A experiência traumática do desastre e, paralelamente a esta, a experiência do risco de desastre, nem sempre são claramente tidas em consideração quando se procede a esse tipo de estudos, embora hoje se torne evidente a necessidade que esse trabalho de investigação constitui.

É precisamente neste sentido que apontam as palavras com que Ilan Kelman encerra o texto prefacial em inglês que antecede estas nossas notas de apresentação do livro agora editado com o título *(Dis)Memory of disaster: a multidisciplinary approach/ (Des)Memória de desastre: uma abordagem multidisciplinar*. Kelman conclui: “We create the memory, but the memory creates us. We create disaster, then the disaster creates us”. Acompanhando a perspectiva antropológica e multidisciplinar que, nos últimos anos, se tem vindo a afirmar na área dos Estudos de Desastre, Ilan Kelman sublinha assim, de forma lapidar, as implicações existentes quer entre (construção de) memória e (construção de) identidade, quer entre estes dois processos complementares e a própria experiência e construção do (risco de) desastre.

Apresentando-se como o n.º1 da coleção LIFE, MEMORY & CULTURE, criada no âmbito do projeto CLIMATE CHANGE, HUMAN DEVELOPMENT AND CULTURAL TRANSFORMATION (sob o acrónimo HUMANCULTTRANSFORM_CLIMATECHANGE), um projeto ainda em fase de implementação no Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira (UMa-CIERL) e resultante, uma vez mais, da parceria estabelecida com o Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Universidade Católica Portuguesa (UCP-CECC), o presente livro *(Dis)Memory of disaster: a multidisciplinary approach/ (Des)Memória de desastre: uma abordagem multidisciplinar* é um livro bilingue que reúne, para além destes dois textos introdutórios (um em inglês e outro em português), um conjunto de textos resultantes da revisão de algumas comunicações apresentadas no I Colóquio Internacional *(Des)Memória de Desastre*, promovido nos dias 18 e 19 de outubro de 2013, na Universidade da Madeira (Funchal), pelo projeto (DES)MEMÓRIA DE DESASTRE? CULTURA E PERIGOS NATURAIS. MADEIRA, UM CASO DE ESTUDO (DMDM), igualmente promovido em parceria entre o UCP-CECC e o UMa-CIERL¹.

Neste sentido, o livro agora editado estabelece a ponte entre o projeto DMDM e o HumanCultTransform_ClimateChange, sinalizando um conjunto de questões e uma modalidade de trabalho multi- e transdisciplinar que têm vindo a assumir relevância no UMa-CIERL, constituindo, hoje, focos de particular interesse e investimento científico por parte de diversos investigadores e de vários projetos. Referimos-nos a trabalhos e projetos individuais e coletivos que se centram no estudo das implicações entre cultura e natureza, e que, ao promoverem o cruzamento entre os contributos criativos e científicos das Artes e Humanidades com os das Ciências Sociais e com os das Ciências da Natureza, se aproximam-se, assim, das áreas transdisciplinares das Ecological Humanities ou das Environmental Humanities. Estas últimas constituem-se, hoje, como áreas em expansão e inovadoras no contexto académico internacional e, sobretudo depois dos anos 1990 e em contextos anglo-saxónicos, têm vindo a assumir relevância académica e sociocultural. Com a coleção Life, Memory and Culture agora inaugurada, assim como com projetos como o HumanCultTransform_ClimateChange, o DMDM ou até outros neste momento em execução no UMa-CIERL, este centro de investigação da Universidade da Madeira pretende dar o seu contributo quer para a promoção das Humanidades do Ambiente no espaço académico lusófono, quer para a divulgação de novas formas de entender a relação entre natureza e cultura e entre desastre e memória².

¹O projeto DMDM foi um projeto multi e transdisciplinar promovido na Madeira, entre 2012 e 2014, e associado a esses dois centros de investigação (+ info: http://dmdm.uma.pt/?page_id=2).

²Acerca do conceito de Environmental Humanities ver Buel, Heise e Thornber (2011) e texto de apresentação no website da UCLA sobre esta área de investigação http://environmental.humanities.ucla.edu/?page_id=52. No UMa-CIERL, ver, para além dos projetos aqui enunciados, a terceira edição dos INSULA International Colloquia (2017), subordinado ao tema “Beyond Nature & Artifice” (http://www4.uma.pt/cierl/?page_id=1905), a linha de investigação Imagem e Território, ou o grupo de trabalho Paisagem | UMa-CIERL que colabora diretamente com o Observatório da Paisagem da Madeira, em fase de criação - http://www4.uma.pt/cierl/?page_id=177.

A afirmação de Ilan Kelman já aqui citada aponta também para uma das linhas de pensamento orientadoras da edição do presente livro, do I Colóquio Internacional (Des)Memória de Desastre e, obviamente, dos projetos transdisciplinares que estiveram na sua origem. Se memória e sujeitos, por um lado, e, por outro, desastres e sujeitos se (re)criam mútua e continuamente, o estudo cruzado de todos estes fenómenos (memória, desastre e identidade/subjetividade) assume particular relevância e urgência quando se equacionam processos como o da (re) construção identitária de indivíduos e comunidades, mas também quando se analisam e discutem os processos de construção de vulnerabilidades e/ou resiliências de sujeitos e sistemas eco-socioculturais particularmente expostos ao risco de desastre.

Relativamente a esta última problemática (a do desastre e dos seus riscos), Greg Bankoff, fazendo um balanço do que foi o percurso epistemológico e metodológico dos Estudos de Desastre, sobretudo depois da década de 1970, defende que “disasters can no longer be viewed as merely meteorological or seismic phenomena divorced from social and cultural system; neither can they simply be reduced to *laboratory studies* of individual or group behaviour during extreme situations” (Bankoff, 2003:152). E por seu lado, autores como David Alexander (2000) ou E. L. Quarantelli (2005) notam que, nas últimas décadas do século XX, foram particularmente relevantes, quer para o estudo dos desastres, quer para o desenho de resposta mais eficientes e sustentáveis a esses fenómenos multidimensionais, não apenas os contributos das Ciências Naturais e Tecnológicas, mas também os das Humanidades e das Ciências Sociais.

Assim, novas perspetivas multidisciplinares fizeram com que a investigação sobre a problemática dos desastres construísse um novo quadro epistemológico e metodológico. Gradualmente, o enfoque dos Estudos de Desastre desviava-se de uma tendência quase unívoca conferida aos perigos e à resposta a situações de emergência, alargando e aprofundando o seu foco de atenção e passando a conceber os desastres como fenómenos multidimensionais, como crises sistémicas não circunscritas ao momento da emergência e, por conseguinte, como fenómenos extremamente complexos. Neste novo paradigma epistemológico e metodológico (bem distinto do paradigma tecnocrático, ainda hoje dominante em muitos sistemas eco-socioculturais) passou a ser fundamental equacionar e estudar outros fatores para além dos fenómenos naturais ou tecnológicos desencadeadores das crises. Referimo-nos a, entre outros, fatores como: as vulnerabilidades de sujeitos e comunidades, que não apenas as físicas e as tecnológicas, mas também outras de ordem económica, social, política, psicológica, afetiva e cultural; a capacidade adaptativa e a resiliência de sujeitos e comunidades; a perceção e a mitigação do risco; etc.

O livro que agora se publica em formato eletrónico e bilingue assume, como enquadramento teórico-concetual e metodológico, uma dupla afiliação: aos Estudos de Memória, a que começámos por nos referir na abertura deste texto; aos Estudos de Desastre, entendidos nesta perspetiva não-tecnocrática e multidimensional. Reunindo um conjunto diversificado de contributos, ora de feição mais teórica e metodológica (secção I e III), ora mais analítica e hermenêutica (secção II), contributos esses que vão desde abordagens mais próximas da Geografia, da Sociologia e da Antropologia (textos 1.1., 1.2., 1.5.) ou da Psicologia (textos 3.1. e 3.2.), até a abordagens enquadráveis nas áreas disciplinares dos Estudos Artísticos (1.4., 1.6., 2.4 e 2.5), dos Estudos de Comunicação (2.3), da História (2.1. e 2.2.) ou até dos Estudos Literários e da Filosofia da Linguagem (1.3.), o volume agora editado, interrogando

as fronteiras disciplinares, procura colocar em diálogo essa pluralidade de abordagens à problemática da construção da memória de desastre. Pretende-se, deste modo, fomentar a aproximação interdisciplinar que hoje se assume como fundamental quer na área dos Estudos de Memória, quer na área dos Estudos de Desastre, e, assim, demonstrar a validade que poderá advir desse cruzamento, para trabalhos que se ocupam quer do estudo da memória individual e/ou cultural, quer dos desastres e catástrofes em diversos contextos geopolíticos e socioculturais.

Abrindo com o prefácio de Ilan Kelman, onde o autor sublinha quer a pertinência atual, quer a relevância do cruzamento dos Estudos de Memória com os Estudos de Desastre, *(Dis)Memory of Disaster: a Multidisciplinary Approach/ (Des)Memória de Desastre: uma Abordagem Multidisciplinar* desdobra-se, depois, em três secções.

Na primeira, intitulada, "Theoretical and methodological approaches to the study of (dis) memory of disasters/ Abordagens teóricas e metodológicas para o estudo da (des)memória de desastres", os trabalhos de Martins, de Bonati e de Sousa com Roxo e Abreu centram-se, sobretudo, na apresentação e discussão de novas abordagens à problemática dos desastres naturais, propondo um olhar renovado sobre estes fenómenos, particularmente atento ora às questões das vulnerabilidades socioculturais, ora à perceção e à comunicação do risco, ora, ainda à implicação das comunidades locais na construção do risco e/ou de resiliência. Por seu lado, os contributos de Freitas e Sousa, provenientes das áreas do Design e dos Estudos Artísticos, mostram como o desenho das cidades e projetos ecológicos de educação artística podem estar fortemente implicados nas dinâmicas do risco e do desastre. Potter, por sua vez, refletindo sobre o papel da linguagem na construção da memória cultural e das imagens do mundo construídas pelo discurso poético, mostra como os Estudos Literários e a Filosofia da Linguagem podem, de igual forma, ser relevantes contributos para o estudo, compreensão e resposta a fenómenos catastróficos como foi, por exemplo, o Holocausto.

A secção II, intitulada "Narratives and representations of disasters/ Narrativas e representação de desastres", reúne vários estudos de caso. Trigo de Sousa e Almeida fazem relevantes incursões na história dos desastres naturais experienciados na Madeira, respetivamente, na segunda metade do século XVIII (período que antecedeu a grande aluvião de 1803 na ilha) e no início da década de 1920 (anos em que a Madeira sofreu várias aluviões e sobre as quais muito há ainda por estudar). Pereira Rosa analisa também o caso Madeira, centrando-se na(s) narrativa(s) do desastre de 20 de fevereiro de 2010 construída(s) pelo discurso político e pelo discurso mediático. A encerrar esta secção, encontram-se dois trabalhos que abordam o modo como, ao longo da história, arte e desastres se têm tantas vezes encontrado: o trabalho de Encarnação, percorrendo diversas temporalidades e contextos político-culturais, analisa o contributo da arte para a reconstrução/manipulação quer da memória do desastre, quer do próprio espaço público em períodos pós-críticos; Rodrigues, em sentido inverso e tomando como caso de estudo a realidade madeirense, mostra como o desastre natural condiciona também quer a preservação do património artístico da ilha, quer, por essa via, a própria construção da memória cultural do arquipélago.

E por fim, com o título "Open windows on (dis)memory of disaster research/Abrindo janelas para a investigação sobre a (des)memória de desastre", publica-se uma breve secção, constituída por dois textos onde são apresentadas duas propostas de projetos de investigação

e intervenção terapêutica (Baltasar com Marques Alberto e Baltasar com Coelho) na área da Psicologia e da Saúde Mental, tomando como objeto de estudo/intervenção o contexto Madeira, depois do desastre de 20 de fevereiro de 2010.

Carl Folke, já em 2006, sublinhava o caráter potencialmente transformador do desastre, entendendo-o como uma perturbação que pode comportar “the capacity for renewal, re-organization and development” (Folke, 2006: 253). Embora muitas vezes catastróficos, esses fenómenos multidimensionais e extremos assumem, segundo este autor, “the potencial to create opportunity for doing new things, for innovation and for development” (Folke, 2006: 253). O livro que agora se edita, a coleção que com ele se inaugura e a atenção académica que, nos últimos anos, o UMa-CIERL tem vindo a dar às implicações detetáveis quer entre natureza, cultura e memória, quer entre investigação académica e cidadania, decorrem em grande medida da grande aluvião que em 20 de fevereiro de 2010 se experienciou na ilha da Madeira. Neste sentido, confirmam-se as considerações de Folke: o desastre promoveu, até certo ponto, transformações válidas, criando a oportunidade para, dentro da Universidade da Madeira, se experimentar quer uma nova abordagem científica à problemática dos desastres naturais, quer a incursão dos seus investigadores na *nova* área das Humanidades do Ambiente.

Muito há ainda a fazer em ambos os domínios, quer nos circunscrevamos ao sistema eco-sociocultural madeirense, quer alarguemos o nosso ângulo de visão ao todo nacional português ou a coordenadas mais internacionais. A encerrar esta nota introdutória ao livro *(Dis)Memory of disaster: a multidisciplinary approach/ (Des)Memória de desastre: uma abordagem multidisciplinar*, resta-nos manifestar o desejo de que os trabalhos agora publicados, assim como a coleção LIFE, MEMORY & CULTURE contribuam de forma salutar e significativa para essa dinâmica transformadora, quer a nível epistemológico e académico, quer a nível cultural, político, social e também económico.

Bibliografia

Anónimo (s.d.) What is the environmental humanities? *The Environmental Humanities at UCLA*. Disponível em: http://environmental.humanities.ucla.edu/?page_id=52

Alexander D (2000) *Confronting Catastrophe. New Perspectives on Natural Disasters*. Harpenden: Terra Publishing.

Assmann A (2010) Canon and Archive. In Erll A and Nünning A (eds.) *A Companion to Cultural Memory Studies*. Berlin/New York: De Gruyter, 97-107.

Bankoff G (2003) *Cultures of Disasters: Society and Natural Hazards in the Philippines*, London/New York: Routledge.

Buell, Lawrence, Ursula K. Heise and Karen Thornber (2011). Literature and Environment. *Annual Review of Environment and Resources* (acesso a 11 de dezembro de 2014). Disponível em: http://environment.harvard.edu/sites/default/files/Buell_Heise_Thornber_ARER_2011_Lit_and_Env.pdf

Folke, Carl (2006). Resilience. The Emergence of a Perspective for Social-Ecological Systems Analyses. *Global Environmental Change* 16: 253-267.

Quarantelli E (2005) 20. A Social Science Research Agenda for the Disasters of 21st Century: Theoretical, Methodological and Empirical Issues and their Professional Implementation. In Perry R and Quarantelli EL (eds.) *What is a Disaster? New Answers to Old Questions*, s.l.: International Research Committee on Disasters, 325-396.